

# OFICINA DE POESIA

**inéditos de:**

**António Amaral Tavares**

**António Botelho**

**Alexandre Nerium**

**Alice Hilst**

**Ana Paula Magalhães**

**Brisa Paim**

**Conceição Ribeiro**

**Francisco Craveiro**

**João Araújo**

**João Duarte Silva**

**Julio Espinosa Guerra**

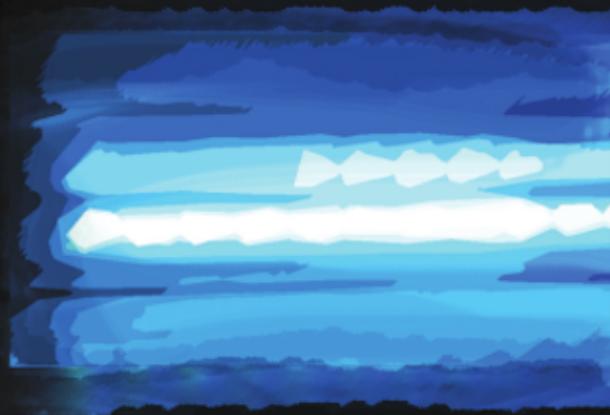
**Paula Guimarães**

**Pedro Simões Eira**

**Rose Barboza**

**Simón Pedroza**

**Sylvia Beirute**



**imagens de:**

**Bernardo Soares**

**Bruno O. Gonçalves**

**João Cruz**

**João Luís Pinho**

**Jorge Ruben**

revista  
**OFICINA**  
de  
**POESIA**

N.º 15  
série II

**COIMBRA**

**2 0 1 1**

Ficha Técnica

Directora  
Subdirector

Graça Capinha  
Jorge Fragoso

Conselho  
de Redacção

bruno santos, Graça Capinha, Jorge Fragoso, Nelson Filipe, Paulo Marques  
Dias, Rute Oliveira, Sandra GD

Conselho  
Editorial

aNa B, Ângela Canez, Ângela Filipe, Ana Filipa Maia, Bianca Franco  
de Sá, Carlos Pittella, Catarina Costa, Conceição Riachos, daniel matos,  
emiliana cruz, Fátima Almeida, Filipe Cravo, Gisele Wolkoff, João Paulo  
Guimarães, João Rasteiro, João C. Santos, L. Altério, Léa Barreau-Tran,  
Licinia Regateiro, Liliana Vasques, Luciana Silva, Margarida Amorim,  
Miguel Monteiro, Nelson Filipe, Nuno Caldeira, Paulo Pego, Rute  
Oliveira; sandra guerreiro, Sandra GD, Sílvia Clemente

Colaboração  
especial

Alexandre Nerium, Alice Hilst, Ana Paula Magalhães, António Botelho,  
António Amaral Tavares, Brisa Paim, Conceição Ribeiro, Francisco  
Craveiro, João Araújo, João Duarte Silva, Julio Espinosa Guerra, Paula  
Guimarães, Pedro Simões Eira, rose barboza, Simón Pedroza, Sylvia  
Beirute

Propriedade  
Edição

Oficina de Poesia e Terra Ocre - edições  
Palimage

Capa

bruno santos, a partir de uma fotografia de Sandra GD

Apoio

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
Reitoria da Universidade de Coimbra  
CES – Cento de Estudos Sociais – Laboratório Associado – Faculdade de  
Economia da Universidade de Coimbra

Contactos

Palimage: Apartado 10 032 3031-601 Coimbra  
Tel. / Fax 239 087 720  
palimage@palimage.pt                      www.palimage.pt  
Oficina de Poesia: oficinadepoesiaop@gmail.com

ISSN

1645-3662

Depósito Legal

222090/06

Execução  
Gráfica

Palimage / Artipol



PALIMAGE É UMA MARCA EDITORIAL DA TERRA OCRE - EDIÇÕES

# Oficina de Poesia

revista da palavra e da imagem

**Palimage**  
*A Imagem e A Palavra*



## Editorial

Acompanhando Whitman com uma primeira pessoa plural:  
*we act as the tongue of we*,  
eis um editorial Escrito  
a quatro mãos.

Um editorial Escrito a quatro mãos: vinte dedos que não se cruzam ou pequenos lançamentos de fogo cruzado que tentam resultar num editorial.

Volvido um ano, a revista Oficina de Poesia mantém-se, a par e passo,  
as imagens e as palavras,  
palavras que são imagens que são palavras que são imagens.

Neste entretanto em que não nos publicámos, a cidade que nos acolhe, Coimbra, recebeu em Maio passado, durante três dias, o VII Encontro Internacional de Poetas subordinado ao tema “As Línguas da Poesia”.

Ao folhearmos esta edição da revista, com todas as colaborações, sempre tão diferentes entre si – seja de autores convidados, seja de oficinairos – relembramos o tão escutado no VII Encontro: *a língua da poesia é sempre a mesma, e sempre estrangeira*.

Neste número da Oficina de Poesia, que se perde e se encontra em si mesma,  
15,  
alguns contributos provêm das sessões de seminários do Curso de Formação Avançada de Escrita Criativa “Novas/Velhas Poéticas”, que decorreu no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, nos dias 12 e 13 de Março de 2010. Estas criações não surgem identificadas como tal. Contornamos, deste modo, a

atribuição de um rótulo ao acto indi—

indiviglobal

de criar o poema.

Fazemos, pois, mais um número de revista em que se

ins e Esc

revem

as várias línguas da poesia.

Ou, noutra linguagem, podemos dizer que aquilo que o leitor tem nas mãos é um extenso poético de quinze-a-zero, onde não há vitória mas se resiste

*as the tongue of we.*

R E T S O N I I E I R E  
N U L E O L F V L I P A



## António Amaral Tavares

### AS CASAS

Das casas é o xadrez de luz  
de um bosque de espelhos  
a madeira que forrava  
os sótãos e a infância das palavras  
e as escadas para lá como  
para as penumbras de um sonho  
a fruteira na sala e o pequeno almoço  
tomado na cozinha  
tão espaçosa como o dia que começava  
guardava o vidro e as louças  
sobre a cómoda  
a ver como o gato passava sem as derrubar  
eram os mesmos os caminhos da luz e da poeira  
encontros que os solstícios acenderam  
a água que vertia  
dos relógios de cuco  
em todas as portas se tem que dar um jeito  
para abrirem  
essa era a vindima  
as uvas tiradas aos poucos da terra  
as casas ocupam na memória o espaço do seu interior.

## António Amaral Tavares

### A PALAVRA

A palavra chegou cansada  
de atravessar cidades e olhar os rios

de trazer no buraco da voz  
os corpos que foram despídos pela luz

a palavra vinha escrita  
no sentido inverso ao do livro

e escrever letras suas era uma sua condição  
de existirem contrárias ao corpo do nome

a palavra apanhou do chão da cozinha  
o fígado que lhe caíra do rosto

e sentou-se extenuada do caminho  
de estrelas carnívoras e da largura da terra

não poderiam os lábios beber o arame  
que da montanha segue os caminhos da água

o cheiro do pão no umbral das manhãs  
a areia que os olhos vertiam

as longas asas sobre o mar  
a palavra era uma casa aberta para a noite

uma vala aberta no silêncio  
sílabas que unidas doíam de afastadas

e quando se sentou como uma sombra escavada  
um animal caído num vão do tempo

a palavra inchou como um corpo flutuante  
e inchando prenehe de lodo rompeu encerrada no vento.

## António Botelho

### Tradição

Pensamento que ainda é o primeiro.  
Desdita a voz mas essa acção é correcta!  
Essa tradição sem apeadeiro,  
Essa paridade, nós... que é concreta.

Essas ruelas, pedras centenárias.  
Correm os miúdos do tempo antigo,  
Nós, residentes destas belas áreas.  
Assim concretizamos o que eu digo!

Somos só vultos nessa escuridão,  
Amantes da desorganização  
Mas, sem mal, não teremos a sentença!

Pois tal não é punível, só agradecido!  
Damos continuação ao esquecido,  
Manteremos tradição com presença!

## António Botelho

Morte

Faço da dor que sinto apenas mais  
Um sentimento. Mas, algo mais vago!  
Mesmo percebendo já o cais,  
Remonto aos entes queridos, divago!

Desvio-me da luz pr'a não ser visto.  
A vastidão que começo a alcançar.  
A ilusão dessa luz, mente se existo,  
Corpo inteiro ainda a ensanguentar...

Memória mais do que habitual.  
Imagens, vivências. Mais real  
Do que o vivido no momento então!

Já os sentidos são a percepção da mente,  
A consciência é inconsciente!  
Cinza bóia, somente a solidão.

## Alexandre Nerium

### CÁENOS SOBRE OS OMBROS A LUZ MÁIS ABRUÑADA

Cáenos sobre os ombros a luz máis abruñada  
dun mediodía farto de dexergar angueiras,  
ígneas luz que arrega lúas de sombra líquida  
ateigada de asombros trala raxor vermella.

Froito somos dun parto coa mornura da espelma  
se a surada abarloa da advocación a débeda.  
Ti nunca sorpresiva, malia a esquecerse sempre  
do que tampouco a ardora lembrou preto da arnela.

En tanta intempestiva marusía, alomenos  
os risgos que arestora barruntan a traxedia,  
espreitan a cativa claror, a que escintilas.

Ula?, no Mar de fóra noso?, xunto as silveiras?,  
relingando á deriva, cantas velas?. Anónima  
cruza xingradora que en nós esnos sentenza.

## Alice Hilst

### *O que foi de some (same) truth:*

*Os bugs dos blogs dos computadores soaram silenciosos e ainda assim, incomodaram. Perdoaram os pecados todos dos dias de (in)sono, dos sábados ferozes e dos domingos mal dormidos. O barulho dos bugs dos computadores salvaram-lhe a alma. E despejaram tudo o que não se pode dizer e que pesa na alma da consciência: a lágrima calada, o suor seco do dia mal dormido, a batalha da linguagem. O amor que se foi. E os amores todos transportados ao fundo do mar. Melhor ficar com a promessa do sol. Do que nos escapa. Aquilo de que precisamos para a esperança...*

## Alice Hilst

### *Passeio ao Farol*

todos os rostos têm medo.  
e é quando todos os encantos se rompem.  
todos os rostos, sem rosto, têm medo  
do toque de outro rosto, no rastro  
do resto de outro rosto  
do faro de outro fado  
todos os rostos, sem rosto, têm medo  
do olhar de outro rosto,  
porque na brancura invisível do olhar  
achamos o outro olhar que já não era mais nosso  
(escondido)  
na brandura da essência de outro olhar  
e todos os rostos assim se perdem  
e, por isso, têm medo  
de roçar no ruído de outro rosto  
e ter de engolir  
as palavras que não se estampam  
em rosto algum, só nos sem rosto  
que se esquecem que têm rosto  
e, depois, ainda os lavam  
todas as manhãs  
maquinalmente

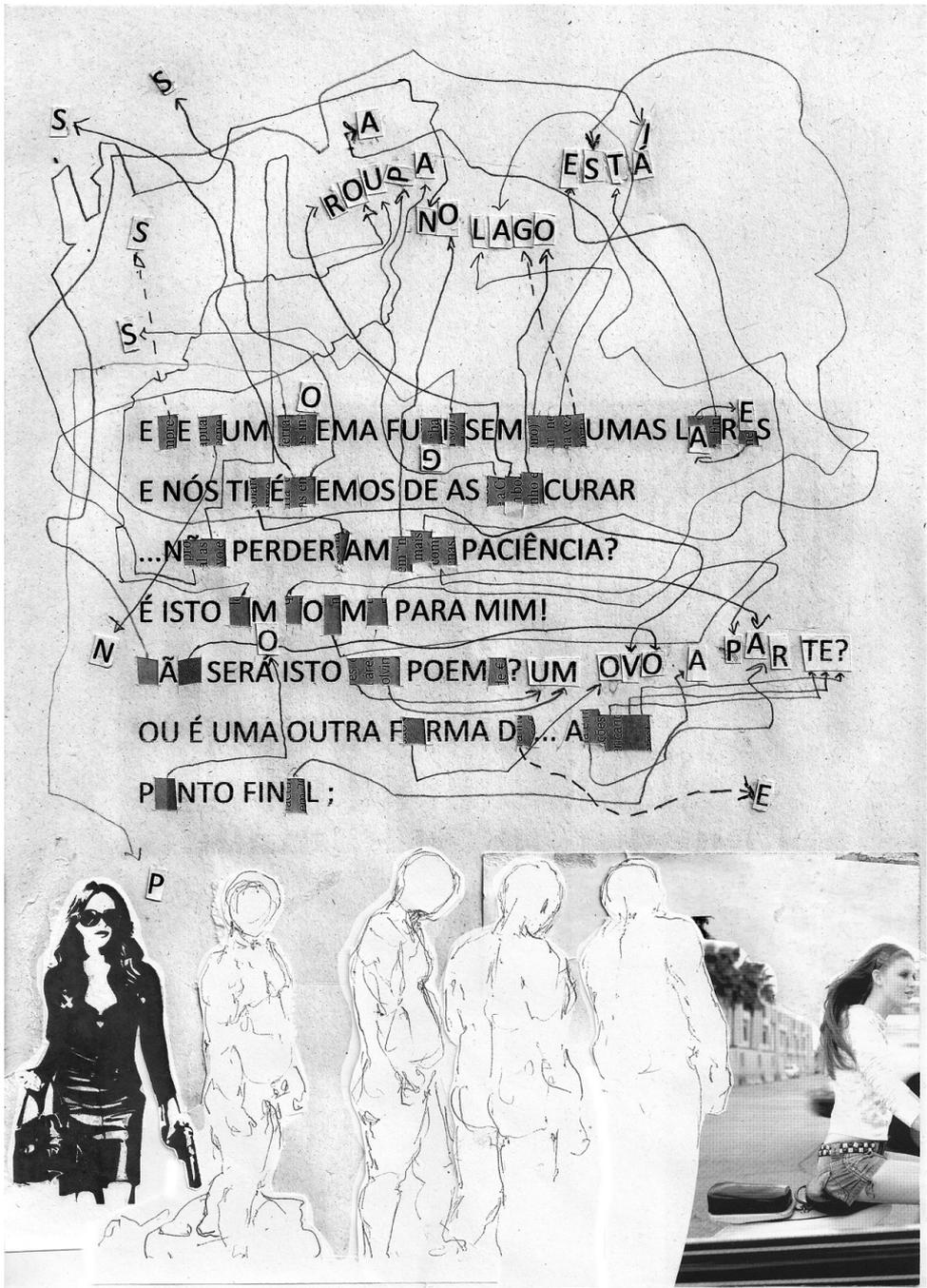
um rosto, outro, e mais outro  
(e nenhum)  
e mais nenhum: todos  
– só porque... *assim tem de ser*  
todos os rostos têm medo  
do escuro de suas vozes  
do obscuro de suas mentes  
– quando descobrem  
que as têm –  
e, depois, todos os outros rostos  
abalam a visão de qualquer Outro  
então, todos os rostos  
restam rotos  
e o medo é que anda aí a caminhar  
*cobbled stones*  
sem rostos...  
do que todos os rostos têm medo

## Ana Paula Magalhães

### Encounters

A black cat in the middle of the street  
its black back turned to me  
in the middle of the street  
scat – I say  
danger in the middle of the street  
for a cat standing there  
scat!  
it turns the head slowly  
– no hurries –  
a car approaching  
and a thread of blood hanging from its nose  
throws me back to the sidewalk

death has no hurry  
an eye in its place the other  
empty – life has nothing to offer



*A roupa está no lago*

*Bruno O. Gonçalves*

## **Brisa Paim**

*(objetivando a fruta)*

Cajá:  
presença ou ausência  
da fruta ou da palavra  
trissílaba  
que não se completa

desconhece-se  
verdadeiramente  
o doce  
da fruta.

o outro  
artefato  
pau-madeira  
conclamado

e amargo

## Brisa Paim

Mas dizer que o dia está bom é difícil, e o dia bom, ele mesmo, passa; difícil é saber aquilo que fica – quando só o escuro prevalece, mesmo no final de um dia bom. E o que fica é só o escuro, ele diz, e me considero mesmo muito ofendida, revoltada até, tão óbvia resposta esta que se oferece para quem – como eu – tem medo – e ele sabe: medo do escuro. Quero perder-me no escuro, ele diz (eu digo), e pode ser qualquer escuro, ainda que capaz de (supostamente) estragar um dia bom. Mas está difícil (eu digo) o quê (ele diz) dormir. E sempre tão certo (e tão sempre) o difícil – a insônia. Por isso (ele diz) perco-me. Nos princípios e nos términos – sobretudo nos entreatos, nos ramos da gárgula. Que sumirá (magicamente) se você puder fazer-me o (imenso) favor de erguer (com firmeza) a sua mão direita e matá-la. Ele levanta-se (não apenas a mão, e sim o corpo todo), resistente, mas levanta-se: devagar até a porta. À direita, o botão: arma disparada. Vê? ...

No escuro, as coisas permanecem exatamente no mesmo lugar.

## Conceição Ribeiro

A vida da nossa gente  
perdida em cosmos azul  
mais longe que o horizonte  
onde só encontrei  
lágrimas misturadas em sorrisos...  
Pensamentos escondidos  
como prisioneiros aguardar em segredos profundos  
e o medo  
de ser Fraco.

# Francisco Craveiro

## Conversa na catedral\*

para Neil Curry

Nesse tempo foi de peregrino  
de França a Santiago  
passo adequado e regular  
como bordão.

Camponeses pelo caminho  
entre casa e animais  
animais e o portão  
que dava para as pastagens  
iam desenrolando espanto.

Não houve menção do que esperava  
a chegada do caminhante.  
O prato das romãs  
ou encharcada uma toalha.

\* “What a nice title!”, disse o Neil, quando mencionei “Conversa na Catedral”, de Mario Vargas Llosa.

## Francisco Craveiro

### Letter(s) home, 16 March 2009

Não houve sabe-se agora  
uma maneira de enganar  
a nuvem movida a gás  
que o seguia.

Escolheu disfarces.  
Primeiro o pai. Alguns retratos  
nos livros que ficaram para trás.  
Depois e mais.

Deixava-o junto a um bar  
um mercado  
uma qualquer entrada.

Para um dia exasperada  
forçar a porta  
e lhe estender um nó ou um laço.

## João Araújo

### CAPIBARIBE

Capibaribe, velho ribeirão,  
Passa a carroça  
E o moleque trepida com o cipó na mão;  
Passa o lixeiro, automóvel, o cheiro de chumbo e de óleo,  
Passa o pipoqueiro vendendo pipoca e fumaça,  
A fuligem que passa e o alcatrão;

Capibaribe da Aurora,  
A tua glória parece que não passa;  
Mas passa tanta vida  
Carnavalesca ou não;  
Pirilampos, romances, passaram, passarão  
Por algum ponto de tua extensão;

Capibaribe, não és essa água ou leite  
E sim o sólido da alma, detrás do peito,  
Atravessada por pontes, Blocos e bondes,  
Ultrapassada por sonhos, álcool, poetas,  
Triscada por Galos, por saltos, favelas,  
Correntezas de humores, Reis momos ou não

Capibaribe, meu irmão,  
Tablado de frege, barracas, bagulhos, bijouterias,  
Elefantíases, moças medonhas, odores e gritarias,  
Espetos de queijo, de bicho, de gente, tapiocas,  
Tua face central, borrada de lama,  
Sorri, sósia minha, não conheço outra não!

Capibaribe, guerreiro sem lança, sombrinha na mão,  
Sinfonias de frevos, gabirús e mosquitos  
Correnteza lírica, palco de delitos,  
Iluminado clarim, ferrugem sem grito,  
Passam por ti, aurora e arrebol,  
Capibaribe, meu irmão, abre-te rugas, a espada do Sol.

## João Araújo

### O VELHO

Aparentemente tão cansado, continuava, o velho, a recitar o seu  
[breviário...

Pele rústica, angulosa face, veludosa voz,

Continuava a recitar o seu breviário...

Corpo curvo, brutas extremidades, seco, sem recheio,

Continuava a recitar o seu breviário...

Pés descalços, pisada grossa, pelas ruas do mundo

Continuava a recitar o seu breviário...

Olhos vagos, sem onde, olhos sem...

Continuava a recitar o seu breviário...

Escutando chistes, mal dizeres, descobrindo-se louco,

Continuava a recitar o seu breviário...

Em meio a indiferenças, arrogâncias, exercícios de poderes,

Continuava a recitar o seu breviário...

Sem casa, sem bandeiras, sem outras moradas,

Continuava a recitar o seu breviário...

Empunhando a flor, aquela flor, a galega flor,

Continuava a recitar o seu breviário...

Continuava a recitar o seu breviário...

Aquele Velho, talvez de Holanda, com uma flor pelo mundo,

Continuava velho,

A recitar o seu bendito breviário...

## João Araújo

### Os HOMENS-SANTOS

Retirem  
Os pilares secretos  
Que sustentam os Homens-santos...

Procurem  
Parafusos certos  
No projeto do Homem-santo...

Recolham esse preciso  
Adjetivo do que é santo  
E desloquem o seu pedaço  
Para qualquer outro canto...

Verão  
cair o traço do Homem-santo,  
Tombar  
o santo do Homem santo,  
Baixar  
a estatura daquele Homem  
Restar  
a fome de um homem só  
Uma forma  
pura em dom menor  
Balé  
estanque e decrescente,  
Somente  
porção do que era pó...

## **João Duarte Silva**

### **HERÓIS DO MAR NÃO SABEM NADAR**

**DÊEM-ME MOTINS!**

Corram nas ruas com  
graça, eloquência e destruição!  
Façam fogo e agarrem em pedras  
e exijam mais que o esquecimento!

**DÊEM-ME RAIVA!**

As armas estão enferrujadas  
e os barões afogaram-se  
no mar morto, abandonados  
num cemitério de navios encalhados

Adamastor bebe o vinho da vitória  
e ri-se de dentes amarelos,  
a resplandecer debaixo do sol  
de Agosto numa celebração de  
quatro séculos.

**ENTERREM-LHE A LANÇA NO PESCOÇO!**

Cortem-no aos bocados  
e ponham-no em várias caixas.  
Encomendas para os velhos do Restelo  
com o carimbo:  
“VOCÊS SÃO A SEGUIR, FILHOS DA PUTA!”

**DÊEM-ME GRITOS!**

Estanquem o Cancro!  
(Mas com classe, por favor)

Cuspam nos bons costumes  
e marchem com os canhões.  
Enterrem os mortos, inspirem os vivos.  
E enforcem os vectores sodomitas  
que somados dão ZERO!  
Esmaguem a cabeça dos ratos  
que se arranham e mordem por  
migalhas de bolor dourado.

Arrasem!  
TUDO!

Mas dos destroços façam ARTE  
Do sangue façam FORÇA.  
E da apatia façam ORGULHO.

Depois, quando acabarem  
liguem-me.  
Talvez passe por aí.

## João Duarte Silva

### REIS DO UNIVERSO

Brewer St.  
A fumar um cigarro  
encostado à ombreira da porta  
da sex shop onde trabalho  
a ver as pessoas viver  
durante cinco minutos.  
Classy.

Passa um casal a falar de  
nada e uns dez metros atrás  
uma criança que  
parece que vai sozinha.  
e que vai sozinha  
porque quer.  
porque tem oito anos  
e não precisa de ninguém.  
Passos certos e descontraídos  
a cantar uma canção  
que as pessoas cantam  
quando têm a certeza  
de qualquer coisa.  
E num daqueles raros  
momentos em Soho,  
não se ouve putas  
e não se ouve traficantes  
nem se ouve violadores  
a respirar pela boca

e não se ouve turistas  
a rir  
e a interromper o safari  
para comer iogurte  
gelado.  
Só se ouve a canção  
e as pegadas  
e a inocência  
Do Rei do Universo.

Mas depois o casal parou  
de falar de nada  
e reparou que faltava ali  
qualquer coisa.  
Voltaram atrás  
agarraram e  
arrastaram a criança  
pelo braço  
e deram-lhe na cabeça  
por ter ficado para trás,  
como aliás,  
acontece sempre  
aos Reis do Universo.

## Julio Espinosa Guerra

34

Volver a soñar lo soñado  
y escribir con un lenguaje  
de muertos  
lo vivo

35

Evitar soñar lo soñado  
Despertar y sentir  
La noche colándose

sus imágenes  
su espesura

en la oscura carretera  
de la piel

(Extraído de *Sintaxis Asfalto*, libro inédito)

32



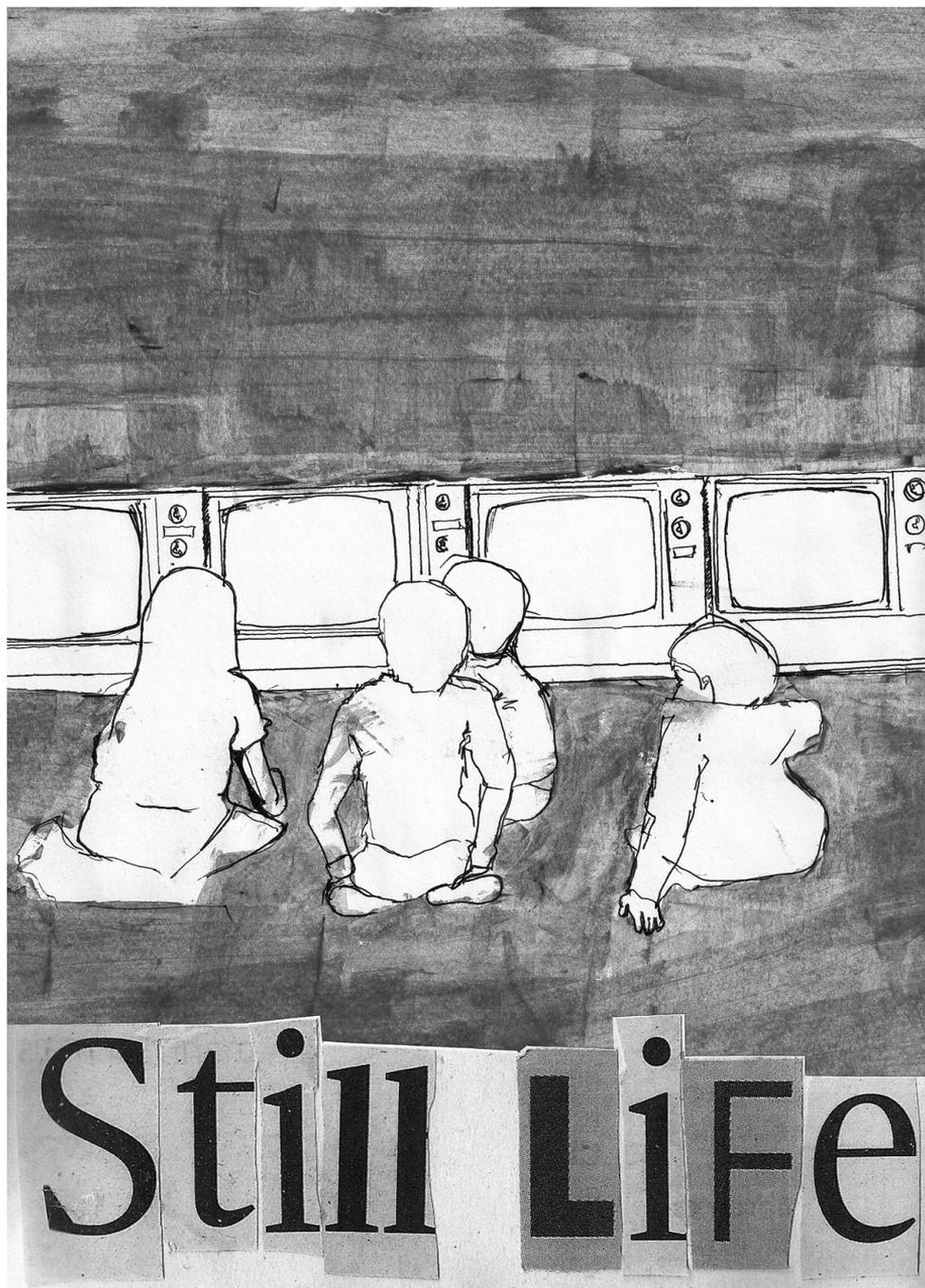
## Julio Espinosa Guerra

78

En la pantalla alguien huye hacia la oscuridad  
Sobre el asiento reclinable sueño que no puedo ver pero que  
tendido en el heno una mujer chilla sobre mis caderas  
El aire es frío; las nubes parecen dragones  
Cuando despierto, lloro  
No por nubes ni aire ni heno ni mujer



(Extraído de *Sintaxis Asfalto*, libro inédito)



*Still life*

*Bruno O. Gonçalves*

## Paula Guimarães

Me agrada  
Olhos – nós  
Errante, letras

Projectados:  
Castelo-câmara

as tuas mãos, os teus seios  
Na minha garganta  
– Morta!

Dispersos pela casa ...  
Sus-pira  
UFA!

## **Paula Guimarães**

Mesa sólida  
Moderna

ferro e madeira unidos – não vencidos  
suporte antes da morte

Apoio meu horizontal –

## Pedro Simões Eira

Incrédulo do meu ser  
como um nómada preso ao seu caminho  
desloco-me em espiral  
pelas farpas do tempo  
“torrente repleta de vida”  
de onde parto esquecido  
e regresso desenganado e invisível...  
... a porta da memória profunda  
com a sua escadaria imponente,  
parasitada por imagens gravadas na pedra gelada,  
impedem-me de tocá-la...  
e no vácuo formas geométricas aberrantes  
observam-me sem pudor até as entranhas  
tentando compreender  
o sentido flagelado  
do fogo que lá não arde.

**rose barboza**

## **o canário-bem-te-vi.**

.a bissectriz dos soluços. derrama os alvéolos da central do corpo e tem polpas de dor como se sibilinas.

crisrina néry

A narração na linha da pulsação narra a linha torta da vida. Diz não 🖐️. E vou-me embora. Se quiser, porém, **cOm** obsolescências, escondo-me aqui e fico-espera. Já te falei daquele pássaro cor-de-rosa que cantava feito um **canário-bem-te-vi**? Acho que não. Mas quem **é** que conta nas entrelinhas a imponderável cautela **dO** **desconcertante enigma** da rima? Não sei. E você? Eu sei. É tarde para me despedir e te dizer que não vou mais partir. Mas é que sou tão indecisa que às vezes faço silêncio para ver se me concebo junto a mim. É que minha companhia é fio de Ariadne, delicado e frágil, que me divide em escafandro e contato. Dizer **dois** não multiplica. Para mim soma é singeleza de princesa-fada dos irmãos Grimm.

1 + 2 e tenho 4 anos de sofrimento, porque o **que** me soma me divide e vem disso a ideia recorrente que me assalta quando sussurro assim: Logo mais, eu vou partir. E não vou nada, a lugar nenhum. Porque a suspensão é meu enredo e o meu bloco só sai na rua em que você seja rei. Respiração contraída. Crise abusiva de um abdômen em atividade. Desgostei-me daquele teu sonho oco. **É** uma verdade-lamento tão **O** confidente dessas minhas noites lentas em que me consumo em **teu próprio** benefício e até me esqueço daquele meu **segredo, escondido** na boca de uma incerteza.

**rose barboza**

## **o mundo, esse alarido.**

.cessá-los ao mesmo tempo que prolongam para  
não mais acabar.

cristina néry

O mundo é um alarido e. A minha calma não prescinde do teu silêncio. Diagonal. Na abertura-vão. Condicionada. Em busca de. Jogos multifacetados. Incompletos. Arborizados. Demasiadamente ensolarados. Por dentes-equívocos. Lisonja cadavérica. Petrificada. Mobilidade cotidiana. Rotina transcrita na compra. Mais uma. De cigarros. O silêncio é meu precipício. Onde me contradigo. E não existo. Sou mundos-boca de gritos coercitivos. E fogueiras. Vulcanizadas. Sedi — carbonizadas. Espargidas. E tu? Com quem frequentastes a noite débil que ressoava naqueles passos lânguidos? 1,2. 1 e 2. E tudo aqui era deserto. E grito não gritado. Uma pergunta acesa e um coração a tropeços largos. Embora me fizesses festas. E tivesses na mão um gesto de espera. O teu cheiro calava minha necessidade. E me derramava nesse meu mundo. Entreatos. Um afago catalisador. Um dar de mãos no ar da noite intranquila. Divagações. Uma companhia incompreensível. Quando sentia. Outra e outra vez. Na colisão do tempo. Que tu és.

Enquanto eu. Engulo num movimento desordenado minha  
dilação. E. Minhas interrogações. E. Meu dar de ombros.  
E. Meu desejo de transformar-me em provisão arrefecida.  
Sem eco. Nem lugares.

## Simón Pedroza

/...

acercar la luna  
aún debajo de los dientes  
en tanto baja la noche así de salvaje y  
común  
de entre encuentros  
la sustancia y la materia  
sugerencias de ambiente  
despejaremos el cielo  
al atardecer  
seremos lo  
que

aún así perseguidos  
como ayer como siempre  
.../

## Simón Pedroza

/...

debí sumergirme lo antes

posible a

nubes de toxinas nos cubren

alguien corre por la avenida

luces de colores sirenas luces

de ambulancias y policía y porque

te sabías la historia antes de contarla

claro que aún haciendo improvisaciones

ser como una quemada en el centro

del sentido de ser

ser una cortada en el bajo vientre

de la idea

de ser

anónimos bajo la puerta

visitas de la muerte

y esos sus olores propios

.../

## Simón Pedroza

/...

antes de partir por la mitad

espectros y halos de sueño y luz

antes aproximarse a las sombras ocasionales

no será el sol no serán los reflejos

sentirse un instante en el espejo

un vidrio y algo que se rasga

restos de tristezas viejas

manoseos de la nostalgia

desbarrancadero de cosas dadas por hecho

y culpas y melancolías inútiles

con el agua del grifo se arremolinan

y se dejan ir por el desagüe común

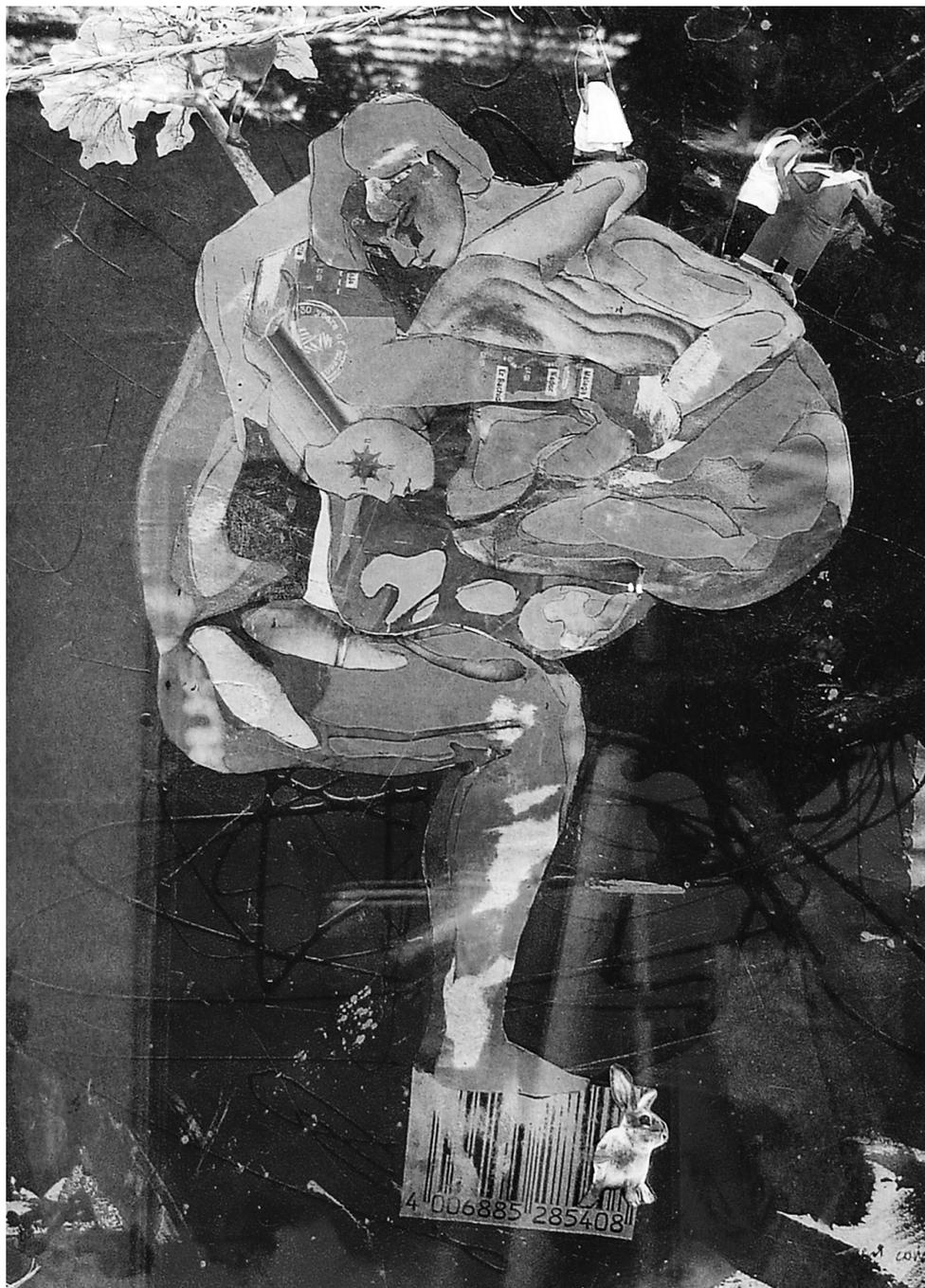
bajando a lo casual cotidiano

lava de todos los excesos

materia segregada

de nuestras miserias

.../



*Cerebrum*

*Bruno O. Gonçalves*

## Sylvia Beirute

### POEMA DE BENEFICÊNCIA

introduza um colapso numa dúvida. recolha-a por elementos. coloque perguntas ao redor. as respostas situam-se entre tempos verbais. um detalhe apaga-se para dar lugar a outro. a memória como um todo. qualquer força para medir é uma inexpressão na arte. não há um só caminho aberto em direcção a um caminho aberto. imperdibilidade é um modo feio de beleza. as coisas mais belas são decíduas porque não assíduas. como aquele fragmento de biografia sem palavras que procura corporalidade no texto. o seu instinto difásico é como um diálogo em que as duas linguagens se friccionam e encontram como que numa orla central em que tudo o resto se autopune até à morte, ficando um quadro de órgãos estrelados. quem entrou aqui introduziu um colapso numa dúvida, recordo. quem tem dúvidas não morre verdadeiramente. recolher elementos de dúvida é uma ocupação como qualquer outra. os ocupados não morrem. a estética escultural do olfacto é mais importante do que as auto-estradas. por isso, vá a pé na imaginação férrea do silêncio. cheire a paisagem que se absorve lentamente ao fundo e que rasga com ternura a ternura do céu de outono. não ande demasiado. quanto mais andar mais esperança surge. surgir esperança é surgir um espelho, e um espelho é difuso apenas na interioridade. intimidade. é como o poema. o poema que mudou. que se deslocou até aqui porque fez uso das possibilidades, probabilidades, matemáticas e deslumbres que a arte oferece. ontem, quando o visitei, o poema era literatura. hoje é mistificação das bases. e ter um pensamento único, convenhamos, é a fruição da vanguarda. a vanguarda converte porque gera metades de tudo o resto. e tudo o que é metade se perde.

## Sylvia Beirute

### HIERARQUIA

o acto de perguntar é uma confiança expectante,  
a veterania de um exemplo acaba por matá-lo,  
mas pouco disto é essencial para já:  
na poesia, enquanto dilúvio da existência, as  
influências do poeta são as veias do seu poema homicida,  
veias que carregam químicos dispostos livremente  
no corpo, mudando de lugar,  
subindo aos olhos que lêem e que tentam  
colonizar hemorragias  
nos ouvidos puramente visuais.  
mas haverá sempre alguém na audiência  
que pergunta,  
que questiona directamente o poema e o seu exemplo,  
alguém que interpela a  
legitimidade de quem redige e assina o que é, afinal, da  
natureza,  
alguém que pressente muros de berlim, ouvidos, narizes, ilhas,  
simulacros do desenhado, do oculto.  
e nesse momento eu sorrio e não deixa de me ocorrer  
que pressentir nem sempre te levará  
à infância de um sentimento.

## Sylvia Beirute

### CIDADE-PONTO

{ao tiago gomes, com amizade}

não escrevi um livro em miniatura sob uma lupa falsa.  
não pedi qualidade aos clássicos.  
não pretendi reparar a eficácia de qualquer sistema humano.  
não endosseï poemas porque os poemas não são cartas.  
não tenho um cativo de poetas.  
não visitei cidades-poema.  
não segui preceitos que se vejam.  
não azuleci por pertencer ao céu.  
não tive ilusão e coragem para crer na desistência.  
não escrevi que o fingimento pode ser um ódio com casca.  
não tenho maneiras puramente estéticas.  
não tenho processos literários.  
não tenho dois corações.  
não li masaoka shiki ou matsuo bashō.  
não li a crítica para não perder a liberdade e o meu  
dom impreparado.  
não peguei no tempo e o atirei para dentro do corpo  
como células estaminais.  
não escrevi sobre a revolução industrial.  
não respeitei o meu passado enquanto índice temático.  
não estimulei diagnósticos de subtileza grosseira.  
não recuperei emoções com a cabeça.  
não coloquei questões delicadas no campo da poesia suprema.  
não transfereï permissões de mim para mim.  
não imaginei versos paralelos para prender significados.



*Autor desconhecido*

*Bruno O. Gonçalves*

## Ana Cristino

I looked at the tip of my shoe  
and there it was  
a King of diamonds  
a clean shinning new playing card  
in the ground of the train station

A King of diamonds  
like a sign  
– the sign –  
of a memory that wouldn't fade away

Some years ago  
in that same train station  
in that same ground  
he walk, going home  
far away  
after one single quick gentle kiss  
of farewell  
My king of diamonds

I bent down  
picked up the shinning card  
put it in my pocket  
and glanced at the train  
that was about to  
leave  
just like before  
taking him home.

## Ana Cristino

### A palavra *Palavra*

A palavra pode

Ser o murmúrio do vento  
entre as agulhas dos pinheiros  
a brisa levantando camadas finas de areia  
à beira-mar

Ser um grito  
o grito dos revoltados  
o grito dos atormentados  
os gritos das crianças num parque infantil

Ser uma ordem  
uma espécie de suspiro, um desejo,  
um adeus que arranha a garganta  
e dói – mas sai ainda assim  
[que amanhã não haverá tempo  
para um adeus – outra vez]

A palavra pode  
conter o Mundo  
criar um mundo  
destruí-lo  
ou mudá-lo para sempre

A palavra  
rasga o silêncio para nascer

## **Ana Fase**

### **O bronze**

De tempos em tempos  
há um nó que sai de mim.

A cada duas luas  
há um marinheiro  
que enlaça as águas em busca do chão.

Gosto-lhe quando o sol abrasa a pedra,  
quando a pele de mármore é uma escultura bronzeada.

Já há muito não o sabia tomando o Sol.

## Ana Fase

### La Dame et la blanche

Branco

Branco no canto

Banco sem tanto

Linha

Canto-te branco

o é

No tapete o põe

Ué?

Amarelo

Oi?

Ouais!

Je me souviens du futur

où habitent

la beauté et la puissance

dans ces jours

à côté...

et

elle seul-eil.

Imperial

Muito fino

Príncipe de lambreta  
Nunca comas a rainha  
Xadrez  
Bispo à parte  
Xerez  
Cisco à parte  
Gerês

Mont Martre  
Meu não seja  
Império  
Sentidos meus  
Sejam mistério  
Donna do ghetto  
Luzia  
Ela chove  
O sol sufia  
Ela move  
E a dona gargareja a colónia.



*s/ título*

*Bernardo Soares*

## **Bárbara Matos**

O que te apraz aos dedos

é o polvilhar do belisco  
que arde  
e se toca num estendal de cinzas  
que pergunta

a mim gritas com – passos  
dessas porcelanas históriofónicas e  
lês-te  
no âmbar escarnecido de uma pauta

o que te apraz aos dedos  
pergunto  
é o grão de lã na cabeça  
de granito de uma cigarra beata  
que escorre  
e escorrega  
no gume da estepe de um segredo  
resguardado  
no espalhafato de um espólio camponês

o que te apraz aos dedos  
desfaz-se

entre o sangue de uma  
amendoeira crua  
e as tiples de saliva wertherada  
do canto anão

ao anel do chão  
que zarpa até  
à ursamaior da tua retina  
bastarda  
mais-que-perfeita e menor

## Bárbara Matos

(é) vidro  
(é) dos escombros  
(que) nasce o estilhaço  
[do espalhafato  
(da) vidreira do terraço  
circum  
escreve o  
palhaço que]  
morre o peixe ao  
ombro  
(a) tábua (é) torta  
e a fábula corta  
de tão morta

não colhesse eu  
os restos das reticências dos pântanos  
que os vivos  
mortos  
a cântaros cantariam

## **Bárbara Matos**

morram os patos  
de overdose  
que as heroínas  
já não dormem  
em caixões de penas

## bruno santos

∅

até que por fim no fim por fim finalmente

uma tradição

entardece desaparece-nos da vista ou das

vistas as pombas são alvo horizontal no ponto

de mira ratos de pijama na cidade

muitos muito muitos muitos bués minto urbano

o mito de menta em coroas de abrolho e abrolhos

e o gatilho habita o espaço de um gato num filme de terror  
mais do que o espaço-tempo de um

ganda cagaco  
um gato debaixo dos pés

a culatra da cauda

**institucional** ou i n s - t i - t u - c i - o - n

a - l i - z a n - d o - s e

de gravata gravada e palavras caras e todas **cheias**

de nove horas

diz que não viu nada

na tv

*: estava mau tempo no canal*

(a tv esteve ligada todo o tempo

mas todo o tempo só

a tv ligada só para fazer barulho.)

**a vóssa voz**

**avós**

**a nóssa penitência**

**noz dos nós**

**bruno santos**



## Conceição Riachos

**2 de Janeiro de 2011**

Iniciar qualquer coisa ainda que seja só este PC que me ofereci. As palavras esquecidas nos poemas habitam as gavetas cheias de roupas que é preciso separar. No meu silêncio a vida fere a estrela que guardo no branco de todos os objectos. Os dedos soltam colinas onde o ferimento antigo cala a ausência. Como se assim me escondesse de mim e rolasse pelas montanhas onde o amor ficou esquecido nas folhas mortas da minha prece. Depois as raízes guardadas na face do espelho onde a fúria do vento arranca a intimidade distante. Depois o abandono doce no meu cofre de destinos onde os temporais molham ainda as planícies. Depois seguir as nuvens exíguas e a música nunca ouvida. Sem brilho adormecer nas sementes que tocam a noite comovida. Ouvir as folhas perdidas essas que faltam nas portas da casa quando chega o entardecer. Ficarei ausente dormitando no quente do destino sem trovas e palavras doces. No espaço opaco das sílabas onde sempre poderei voar.

## **Gisele Wolkoff**

### **Poema de Ruth e mais um som**

(ex) corregar  
na (ex) borra (sem) chá  
e mais um som  
que tenta ser imagem  
e Ruth e João  
a observarem o horizonte  
na palavra  
do oco, vazio do discurso  
este tão nada, tão torto, tão intempérie-toda  
ex-correg-ar  
córrego do pensamento  
se isso fôsse uma solução  
não seria uma rima  
seria uma trovoadá...

## Gisele Wolkoff

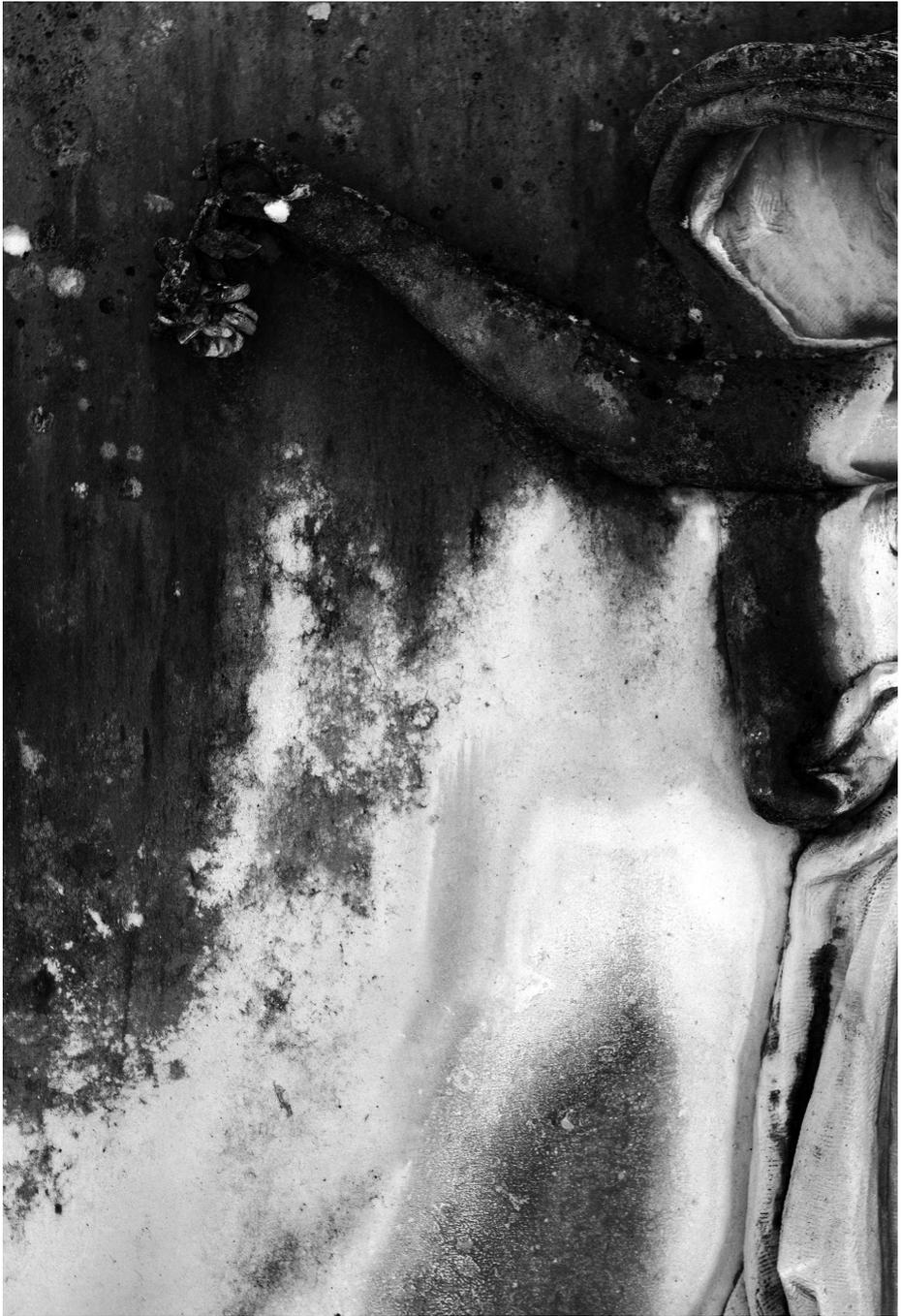
### Fotografia

Neste cais  
moram os ventos  
que cessam  
me  
os dias  
quando sopra  
o vento  
as embarcações  
que desconhecemos  
e só cabem  
neste poema  
o abraço  
de ontem  
camaleoa-  
me  
as nuvens  
e os barcos  
neste cais  
em que aporto  
a noite  
nossa!

## **Gisele Wolkoff**

### **Sobre o varal português**

arranjar as roupas no estendal  
é como dispor o tempo da vida  
à sombra dos caules fortes e invencíveis  
requer uma logística  
de que só os portugueses consentem:  
as saudades convertidas em lágrimas a secar.



*s/ título*

*João Cruz*

## João C. Santos

Deixei de contar a vez  
e  
outra vez a falar na vez  
que  
há-de haver quem veja  
não.  
Quando vens?  
e  
Porque não falas?  
que  
Queres de alguém?  
SemVemTem  
um erro e meio  
feio feito  
Não venhas.  
Não fales.  
Calas.

## João C. Santos

Garrida na cor a vela  
falava tremida na parede  
antes luzes botão  
faziam sentido carregado  
se tocado no coração.

Dançava e dança ainda  
observa e pensa sozinha  
acontece pequeno rio  
acontece dura pedra  
às vezes calha.

# João Rasteiro

## Os nove círculos

*E vós, mortais, guardai-vos de julgar*  
Dante Alighieri

1. amo como os loucos que interrompem o fluir das águas, tudo o que intimida a periodicidade simétrica da proibição, a instantânea rota do tempo. amo diluindo-me até o sangue da ave se sedimentar corpo. o amor alimenta-me em sua epifania de finitude. o coração deixou de ser uma dimensão fixa em sua mecânica de fusão nuclear. se me concedi ao amor pois eterniza, a morte é infinda, no inibido, aí poderei ser louco. à solta no ritual dos cativos.
2. talvez ela me preserve ateando os corações. eu sinto o bem-querer à extensão dos corpos-luz. aspiro toda a embriaguez vascular da utopia em mil fragmentos cintilantes. sempre os estilhaços dos vorazes. a pulsão e sofreguidão do passado em galáxias cogitadas. agora nem sequer o posso sentir bater em sua agonia redentora. como os nómadas o meu nu apetite é selvagem e onnipotente. sorvo-te o menstruo e os sonhos. depois fundimos a urbe.

- 
- 
3. no jardim das delícias os avarentos mastigam a espessura dos frutos. os corpos são sílabas que agora e sempre negam a noite. é a arte do mútuo engano em seu exuberante espírito de usura lírica. e há no edema o amor um fenómeno de degenerescência primitiva da promessa. o crime é apenas um poema em prosa e um espaço onde os conquistadores só aspiram ao espólio das auroras. na cegueira os tesouros frutificam fortes e sombrios. a alvorada torna-se do mel em sangue.
  4. nenhum corpo deliberará o perdão depois da profanação da muda cidadela. os saqueadores de palavras iludiram-se no ruído dos mortos. aí os raivosos serão austeros em sua majestosa nudez. e porque o que é uno permanece fogo ser-te-ão cortadas as mãos e o sexo. o coração será estilhaçado em mil gotículas de desejo. e toda a força do horror isolada em seu acervo de redenção será obsessiva. sob o canto a cólera da alvura.
  5. ah como é grande a alucinação das bocas nas extremidades do amor e da poesia. os ciclos dos desalentados unem-se no fluxo unívoco e sagrado da matriz das fístulas. os anjos são um desvio do destino primordial em sua ferida nocturna e devassa.

quando os arquitectos de alucinações seguem os trilhos das palavras em sua louca mecânica de logro piedosos as debilitadas aves emudecem. mas a inutilidade apazigua o verbo. o abafos dos fusos.

6. mas para que ninguém sobreviva à memória os hereges desaguam pelos olhos. desabrocha o dorso das tormentas até que toda a circulação dos corpos deságue nos alúvios. mas também amputam cerce a aporia das raízes. todos os seres divinos inflamam-se iridescentes. como se perplexo ficasse o silêncio onde se guardam as sílabas dos animais. e um dia as borboletas irrompem das larvas. e o amor volta a acreditar. os lábios secos inundando-se.

7. não resisti à genialidade da criação. inclinei-me sobre o cacho do seu ventre e beijei-o sequioso arrebatado pela boca das lascas. a lâmina axial busca céus e infernos para encaminhar as almas. pois o guincho precede a tortura. sou o espírito que sempre nega os leprosos sob as águas. tudo o que floresce como o efêmero merece perecer em sua agonia. o crime purifica a blasfêmia do verbo em sua natureza divina. em fogo as crias demolindo-se imprecisas.

8. alguém lhes ofertou o ofício de burlões nas floreiras. o que sob os clarões ignorou os olhos do fogo pecou.

mas cinzelado está o castigo vertiginoso dos infiéis  
aqueles que amaram os bruxos no início das névoas  
e que desvendaram os corpos com as estações. para  
possuírem a distorção do crepúsculo dos búzios.  
pois agora o ludíbrio permite sempre o fulgor súbito.  
uma obstinada metamorfose sobre as arquitecturas.

9. eis o mestre que subtraiu o alvéolo da ilusão da  
sílaba em sua crença – a colheita que fulmina os  
pomares. o leite dos seios da fêmea-terra. a que  
resfolga os céus e a virtude exímia da luxúria em  
redenção alucinante. é o freio da língua da paixão  
e do idílico demónio-deus em seu milagre no mais  
alto murmúrio da fertilidade. e nos seres fulge *o  
saber supremo e o primeiro amor*. pois ele estará  
sempre com os eleitos da cozedura. e em volta de  
Virgílio o canto eterno à boca do castigo.

## João Paulo Guimarães

apaga.dor de promessas

“Percorre por si, o caminho de Fátima a pé, e transporta com ele o pagamento da sua promessa ou o seu agradecimento a N.ª Sr.ª de Fátima.”

Carlos Gil, Pagador de Promessas

Levando a choros El-nome Dom Se

bastião, E como um Rei sol ,entre aziago bordo,

o Imp

ério Do pendão erguendo,

Foi-se.

a ancia de Myst,

é

rio de al.

to erma e

,presa,

go

project, a ilha in

des,coberta.

mais vol

? verá sonho

?

Deus guarda o corpo e a

[forma do futuro.

voltou Não

incerta Sua luz

que que

-o aportou breve.

teve

sorte Mas, escuro E

E E e, ntorna em mim tempo ou 'spaço

Num mar baço vejo a cerração, teu povo al

ma mais exalta. a ao Ah ,mais, quanto vulto falta  
[entre

antlânti , ca minh'alma se torna

a hora N: ão, sei a névoa ainda

-a Deus A mesma a alma lhe pend

ão trazes Império em mim, Mystér -io De. more

Do chame, embora mas, a h.

ora,

Gérard

ap(p)laudir!

Est un homme.

presque fétide aux cheveux clairsemés

son haleine, au nom rare

possède des qualités de famille

Gérard

É un homme.

quase fétido dos cabelos esparsos

seu hálito, uma raridade

possui qualidades de família

76

Gérard

ap(p)laudir!

un nom fétide et clairsemé

un homme rare aux cheveux familiés

un nom, un homme, un vainqueur

presque chauve

courageux concurrent du concours

Gérard

um nome fétido e esparsos

um homem raro dos cabelos familiares

um nome, um homem, um vencedor

quase careca

corajoso concorrente do concurso

## Léa Barreau-Tran

Gérard

un nom.

Gérard

une haleine aux qualités rares

Gérard

Gérard

ap(p)laudir!

um nome.

Gérard

um hábito possuindo qualidades raras

Gérard

vainqueur du concours!

vencedor do concurso!



s/ título

Léa Barreau-Tran

## Licinia Regateiro

comboios  
em trilhos vazios  
linhas de quê  
a caminho  
que se somem  
em passos de silêncio  
nuvens  
ou apenas  
em naufrágios de água

se pudesse relógios contra o ouvido  
se pudesse o tempo emoldurado  
pedras, murmúrios de sofrimento  
as pérolas da memória  
prestes a ceder  
venosas, viscerais

os comboios buscam  
a boca  
teimam travessias  
e  
no embate a benção  
pedaços de mim  
se pudesse o retrato vazio

## Licinia Regateiro

na parede do Rijkmuseum  
o calor das coxas  
movimentos  
pouco subtis, distraídos  
perto de Van Gogh  
o perfume  
feromona de segredos  
em degraus que se afundam  
a caminho  
da cave

## Licinia Regateiro

### *Music for evenings*

uma mulher  
sentada  
dança  
um homem  
espreita  
o sapato

por piedade

um músico  
inábil  
continua  
a tocar



*s/ título*

*João Luís Pinho*



## luciana

vento devasso

vento outubro

sopro em espiral

sopro devasso

em baixo a terra

à espera permaneceu

vento

da mesma rocha ou alcantil deserto

sopro em espiral

um estalido

precipitado outro sopro

parecia deserto

vento sopro espiral

terra

da mesma rocha ou alcantil deserto

curioso no crivo devasso

espiral de terra

que é o vento?

sopro devasso

## luciana

Escutando a música.  
certas noites de verão,  
elas próprias cantavam,  
narravam na memória  
e traziam a poderosa linguagem.  
Eram enormes  
quando a alma se formou.  
as estrelas, as pedras, a inocência, a música,  
os textos perdiam o sofrimento,  
rodeados por ela, pelos anjos,  
na nova era  
da linguagem.

Ninguém, antes dela,  
tinha poder de evocação,  
as palavras estavam reduzidas.  
Depois ela escreveu  
a poderosa linguagem  
da memória da música

Sobre mil se desdobraram  
mil anos,

ela acompanhou os humanos.  
Dura como diamante,  
avançava,  
existia,  
na memória.

Ninguém se atrevia a falar,  
narrar essa memória,  
Assim corria ela,  
Como o tempo corria sobre a terra  
Abrindo à força o ca  
mi  
nho

Foi o princípio da poesia.

## Nelson Filipe

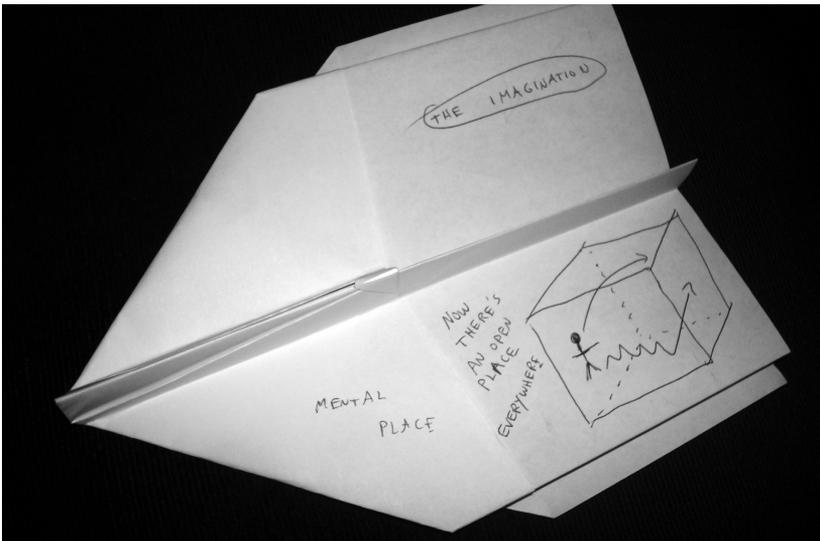
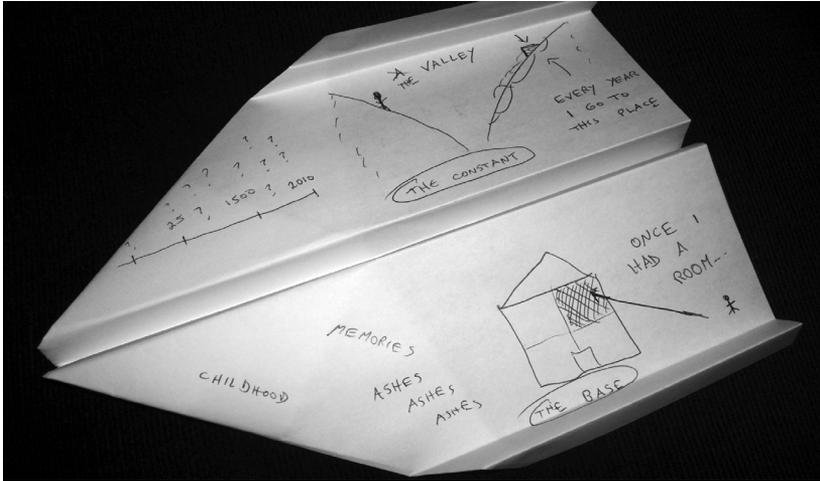
Mover-se é viver,  
dizer-se é sobreviver ao movimento.  
Prevê-se a falta  
de espaço  
[e não se diz o espaço, não se move.]  
As mais pesadas  
unidades de tempo  
– as pulsações da tinta –  
medem  
a sobrevivência das palavras:  
tentando primeiro formá-las,  
depois superá-las.

Mover-se é viver  
recursivamente  
a abstracção de cada unidade

Sobrevivência:  
acresce a dificuldade  
de todo o detalhe.

como espera a pulsação ser superada?

# Nelson Filipe



## Paulo Marques Dias

qualquer coisa vagamente semelhante a um  
relógio de  
veias  
inertes  
é um ponto de partida tão bom como outro qualquer  
para as asas cortadas de um pássaro saído de  
uma fachada incomum, rasgada entre a multidão

qualquer coisa completamente oposta a um  
dia vazio  
de luas e  
remorsos  
é a primeira parte de um espectáculo melhor do que  
as pegadas gastas numa travessia escusada para  
uma luz mal acesa, arrancada da multidão

## Paulo Marques Dias

na minha voz o deserto.

luzes a tremer. caravanas oscilam na distância.  
não.  
só o torpor da miragem, afinal.

há-de ser inventada outra miragem,  
de mãos aos tropeções  
e pés presos na curvatura do horizonte.

e quando o dia se faz incandescente  
os olhos escondem-se da luz  
que trucidada as miragens.



*Confusão natural*

*Jorge Ruben*



VERIFICADA A CONDIÇÃO *CETERIS PARIBUS*

quando aumenta preço esvurmado dos buracos de ninhos agrestes  
multiplica-se oferta desses ninhos

(todo o pássaro pode acorrer? há limites à elasticidade da oferta  
barreiras dóricas de estro trabalho e acédia)

(tópico poeticamente mais controverso saber se também ocorrerá  
acrécimo de musas\*)

subindo procura dos referidos ninhos é de esperar que o respectivo  
preço se torne mais elevado o pressuposto é de difícil realização  
ou não estivessem as físgas voltadas para ninhos macios

diminuindo procura de ninhos agrestes o respectivo preço baixará  
produto terá então demanda residual ao fenómeno seguir-se-á  
quebra da quantidade procurada de acendalhas

aumentando demanda dos macios seria expectável que eles  
encarecessem todavia dados apontam para mar aguado

(preço está ao nível da bagatela)

redução de preço dos ninhos desabridos leva à subida da procura  
dos mesmos olhos abertos a curtas salivas fazem crer que assim  
seja tudo se reconduz a questão de olhos

(tudo se resume a questão de olhos)

se descer oferta de ninhos agrestes é de contar com aumento dos  
seus preços massa procurante não deixa de ser espessa e não aceita  
cozedura em doze minutos

---

\* egéria conceito polissémico e elástico (mais ainda com *catchers* ou exercitantes de mola)

## Paulo Pego

### TÊMPORAS ABOLIDAS

Cidade 1

Cidade 2      Formação

Cidade 3

Cidade 4      Informação      a fim com fim

Cidade 5                              **pilar** relativo **pilar**

Cidade 6      Pêndulo

Cidade 7

certo conceito de felicidade 7

caras realmente feias de fealdade na pandeireta da  
desorganização

**homem educado**

## Paulo Pego

### TÊMPORAS ACABARAM

cidade 5

cidade 6

cidade 4

cidade 1

cidade 2

cidade 3

tempo

filiforme

7: saliva que não é saliva

homem **educado** que resolveu não dizer semi.tudo aquilo que tinha a dizer mormente sobre as esteiras da má educação e sobre a subserviência

# Rute Oliveira





# Rute Oliveira



# Rute Oliveira

## SOPA DE PALAVRAS

P	Z	M	J	K	L	O	S	R	D	F	L
E	R	B	O	U	O	P	O	E	T	A	E
R	I	B	T	O	S	F	Q	H	T	Z	R
F	G	R	X	A	R	A	U	N	C	E	U
O	W	A	P	E	H	P	E	O	C	R	M
R	O	R	L	I	Y	M	R	G	L	F	A
M	W	E	I	R	I	K	E	T	N	C	Ç
A	S	D	U	R	Z	X	R	A	I	E	I
N	P	O	E	S	I	A	D	T	J	Y	T
C	O	P	F	V	E	M	É	O	C	W	S
E	X	L	S	N	S	O	C	I	A	L	U
E	V	H	C	Q	P	R	E	L	P	Z	J

## MAIS DE MEIA DÚZIA MENOS DUMA DÚZIA

## Sandra GD

### sunrise e eucaliptos: os livros que procuro

prolongadamente      lentamente      diante,  
em suma se  
proibiram que fossem outros  
os pleonasmos,  
e tantas as outras séries de poemas,  
que não ficassem por dizer,  
e jugulados.

que coisa a das mulheres magníficas e impuras  
que se tornaram impuras e magníficas depois que  
prolongadamente  
foram proibidas de (se) dizer.

que acontecimento o dos batimentos cardíacos  
dos corações que  
descontinuaram  
o poema esventrado.

que, diante de adiante, diante de mim  
fossem tantos  
os eucaliptos e tanta  
a pudicícia dos gestos alarves,

lentamente, que o lentamente é suficiente-  
-mente  
lento.

Sandra GD

# O baile da morte

de mim

em poesia porosa

*a vinício capossela*

**quando a cortina sobe pela última vez.**

na primeira parte do solo  
deforma-se-me o rosto:

os malabaristas - ou as fadas (uma vez que não tinham  
outras competências) -,  
e a senhora tatuada – criatura de vulto sem cabeça -  
instilam pândega de botaréu em contraforte  
ou  
daquilo que os atormenta.

solo, segunda parte, ou de como se ergue no exterior o  
circo:

«Racconto infiammabile per voci»,  
também numa versão diferente na clandestinidade:  
«Radiodue durante as férias»,  
de facto intitulados,  
tal como para não mencionar.

terceira parte do solo ou  
interlúdio burlesco apertado com boxe:  
o oráculo Sybille distribuí enigmas,  
fechamos os olhos  
e pode resultar ou não.

quarta e última parte do solo ou de como termina a  
algazarra:  
esqueletos, tiranos e monstros comem batata-de-rama e  
inhame-do-egipto. \*

\* nota - exibido também de trás para a frente, sob a forma de conto de fadas de inverno para adultos e outros menores.

Sandra GD

# Veja como é fácil

**ISTO É SÓ UMA AMOSTRA** de lobi-

somem: o homem

primeira parte

as atracções emergem |  
e tomam forma de modo evocativo |  
anuncia o espectáculo, as narrativas |  
numa espécie peculiar |  
com a face desfigurada por histórias |  
, tornando-o um monstro |  
*relatando-o*, mas |  
das histórias |  
não pode fazer nada contra o |  
no palco durante |  
, portanto, fantasmas que saem deste homem |  
amor, a estrada, a guerra, a Terra |  
Ele próprio. Numa jaula |

**Sem sombra**

**da**

**VIAGEM**

## Sandra Guerreiro

gimme shelter for thy pain shall  
nurture my comfort in the journey  
to the springs of the sea. where the  
gates are shown to us. where the  
death resides in every tree. the flower  
of wheat. won't know all of this and  
be everything. the mysteries of the  
stones that lava draws. my comfort

a

gun

## **Sandra Guerreiro**

she told me that in her stories of flesh  
my name crawled underneath her  
teeth, her tongue with a name inside  
her. head. give me. mine. not as real  
as it is seeming. are we becoming a  
shelter of fire in disguise. too much. in  
her stories crawling . to be continued  
as a perfect fit. as a perfect

fix

## Sandra Guerreiro

*aphorisms 1-0-1 series*

# -1

sweet dreams take restlessness to a  
minimum wage against the machine

# 0

i shall say this only once upon a time we  
discovered. a voice is the empty space  
between trees

# 1

our bones need to rest. in peace we trust  
to struggle again. this is our possible. come  
back



*Vultos*

*Jorge Ruben*



## Teresa Fonseca

de como as narcejas exterminam as minhocas ou...não

língua  
Chilida  
zuzilula,  
zinzilula

instalada no calcanhar à espreita privada

língua  
golpeia  
martela  
badala  
blatera

aninhada no capim alto e salta elevada

língua  
balsa  
ulula  
ladra  
late  
relincha

colada ao chão  
retesada  
ondulantemente retesada  
silenciosa e estreita espreita  
o novo começo da estilizada

língua  
estridula  
sibila  
silva  
lastima  
pipila  
clarina  
cricila

estalada no deserto estreitado de terra suja conquistada

língua  
trila  
soluça  
bala  
chalta  
fala

levada lavada em mancheia de espiral sopra sol aclarada

língua  
palra  
palreia  
taramela

lavada na lama da poça germinada

língua  
chilra  
chilreia

limada de caminho alto e obliquo obliterada

língua  
garrula  
gazila  
trinoleja  
tritrila  
tritrina

estimada que se a meio caminho habitada dirigida

língua  
ulula  
pupila  
palra

soprada e em estalido branqueada

língua  
gluglueja  
gorgoleja  
grugruleja

encurvada

língua  
arrola  
arrula  
aflauta  
trucila  
soluça

chalra  
lastima

língua mãe cama vento sopro terra ninguém reconciliada

língua  
Poligulosa  
Língua  
Seca que seca que cega a Elite letrada

No final pode ser executada a escovagem da língua, desde a  
[base até à ponta.

## Índice

Editorial.....	5
Bruno O. Gonçalves .....	7
António Botelho .....	8
António Amaral Tavares .....	10
Alexandre Nerium .....	13
Alice Hilst .....	14
Ana Paula Magalhães .....	17
Bruno O. Gonçalves .....	18
Brisa Paim .....	19
Conceição Ribeiro .....	21
Francisco Craveiro .....	22
João Araújo .....	24
João Duarte Silva .....	28
Julio Espinosa Guerra .....	32
Bruno O. Gonçalves .....	34
Paula Guimarães .....	35
Pedro Simões Eira .....	37
rose barboza .....	38
Simón Pedroza .....	42
Bruno O. Gonçalves .....	45
Sylvia Beirute .....	46
Bruno O. Gonçalves .....	49
Ana Cristino .....	50
Ana Fase .....	52
Bernardo Soares .....	55
Bárbara Matos .....	56
bruno santos .....	60
Conceição Riachos .....	63
Gisele Wolkoff .....	64
João Cruz .....	67

João C. Santos .....	68
João Rasteiro .....	70
João Paulo Guimarães .....	74
Léa Barreau-Tran .....	76
Licinia Regateiro .....	79
João Luís Pinho .....	82
Conceição Riachos .....	97
luciana .....	83
Nelson Filipe .....	86
Paulo Marques Dias .....	88
Jorge Ruben .....	90
Paulo Pego .....	91
Rute Oliveira .....	94
Sandra GD .....	98
Sandra Guerreiro.....	101
Jorge Ruben .....	104
Teresa Fonseca .....	105



ISSN 1645 - 3662



9 771645 366004 >